

# A VISÃO ESPIRITUAL PELOS «OLHOS DO ENTENDIMENTO» NO *BOSCO DELEITOSO* (SÉCULO XV)

Maria de Lurdes Correia Fernandes<sup>1</sup>

## 1. Introdução

A obra *Bosco Deleitoso*, cujo autor se desconhece, terá sido escrita nos primeiros anos do século XV – depois de 1401<sup>2</sup> – e veio a ser impressa em Lisboa, por Hermam de Campos, em 1515 por ordem da rainha D. Leonor, viúva de D. João II e irmã do Rei D. Manuel<sup>3</sup>. É uma das obras medievais portuguesas – originais ou traduzidas – mais representativas da espiritualidade de ambiente monástico<sup>4</sup> e faz parte de um significativo número de textos de finais da Idade Média cuja impressão teve o apoio expresso desta rainha.

- 1 Investigadora Integrada do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, Professora Catedrática aposentada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, mcorreia@letras.up.pt.
- 2 Como mostrou J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», in *Bosco Deleitoso. Anónimo do século XV*, edição e notas de J.A. Carvalho — L. de S. Fardilha — M<sup>a</sup> L. Fernandes, «Prefácio» de J.F. Meirinhos, V.N. Famalicão: Edições Húmus, 2023, p. XXI.
- 3 Esta obra conta com apenas três edições: a original, de 1515; uma segunda edição no século XX, no Brasil, por Augusto Magne, *Boosco Deleitoso*, edição do texto de 1515, com introdução, anotações e glossário de Augusto Magne, vol. I. Rio de Janeiro: Ministério da educação e saúde – Instituto Nacional do Livro, 1950; a terceira edição é a referida na nota anterior. Sobre diversas características da edição original veja-se J.F. Meirinhos, «Prefácio» à edição de 2023, cit., esp. pp. VII-XIII.
- 4 As duas outras obras que remetem para o mesmo ambiente espiritual – o *Virgeu da Consolação* e o *Orto do Esposo* – permaneceram manuscritas até ao século XX, devendo-se a publicação da primeira a B. Maler, *Orto do Esposo*, 2 vols., Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1956; e a segunda a A. de B. Veiga, *Virgeu de Consolação*, Salvador: Universidade da Bahia / Livraria do Globo, 1959.

A obra percorre, na figura de um «mesquinho pecador» – o «monge autor» que é também o «monge-narrador»<sup>5</sup> –, as várias etapas (nas suas múltiplas dimensões e estados) da vida humana, social e espiritual, com foco especial na alegoria autobiográfica da alma que, finalmente, conseguiu entrar no paraíso celeste. Não por acaso, como bem notou já José Meirinhos<sup>6</sup>, a «primeira palavra do primeiro capítulo é o pronome pessoal “Eu”, que imperará ao longo da descrição da sua experiência interior». Uma experiência que se confunde com um itinerário interior da alma que, como sucede com outros textos medievais<sup>7</sup>, viaja seguindo os caminhos que os modelos teológicos, literários e morais consideravam necessário para atingir a Jerusalém Celeste: o desprezo do mundo, a rejeição dos pecados, a consequente penitência, a prática das virtudes, o desprendimento da alma de todas as tentações corporais, a purificação interior, a meditação, a contemplação e, finalmente, a união mística.

E ainda que grande parte do texto não seja da autoria do «monge-autor», é esse «Eu» – que vê e ouve os outros, alegoricamente representados – que confere unidade global ao texto, porque o recurso ao diálogo anímico com esses outros lhe permite ir confrontando a sua vida e o seu espírito com as lições e orientações que essas múltiplas figuras alegóricas ou históricas lhe vão dando,

5 J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», cit., p. XXVII e XXIX. Na perspectiva de Cédric Lotz, «Les visions de l'au-delà, de l'Antiquité au Moyen Âge : de la transmission d'un genre à un genre de transmission», *SOURCE(S)* n° 2 (2013) 39-59, disponível em linha (DOI : 10.57086/sources.439), o registo das visões do além emergem da tradição e contexto monástico: «il faut d'abord établir le parcours d'un récit de vision, de sa production à sa réception. Les visions de l'au-delà ne diffèrent en cela aucunement du reste de la production littéraire médiévale. L'écrit relève majoritairement des *scriptoria* monastiques, dans lesquels sont créés ou copiés les manuscrits. Les récits de voyage de l'âme ou du corps dans l'au-delà sont donc l'œuvre de moines lettrés» (ibid., p. 53). E essa tradição, valorizada em textos em vernáculo, radica na literatura latina da primeira Idade Média. Vd. Claude Carozzi, *Le voyage de l'âme dans l'au-delà, d'après la littérature latine v<sup>e</sup>-xiii<sup>e</sup> siècles*, Paris: De Boccard, 1994, esp. p. 584-589.

6 J.F. Meirinhos, «Prefácio», cit., p. VIII.

7 Vd. J. Rubio Tovar, «Literatura de visiones en la Edad Media románica: una imagen del outro mundo», *Études des Lettres: revue de la Faculté des Lettres de l'Université de Lausanne* (1992) 53-73. Disponível em linha: <http://www.e-periodica.ch>; <https://doi.org/10.5169/seals-870440>, esp. p. 54 e 60-61 e 66-68: «Cuando el alma recorre los territorios de ultratumba, éstos suelen aparecer organizados a modo de itinerario, de travesía». C. Carozzi, *Le voyage de l'âme dans l'au-delà, d'après la littérature latine v<sup>e</sup>-xiii<sup>e</sup> siècles*, cit., esp. pp. 210-215 e 2e partie, ch. 1, «Voyage de l'âme et visiton symbolique», pp. 391-491. Sobre a tradição literária alegórica na Península Ibérica, veja-se o conjunto de estudos de Mário Martins, *Alegorias, símbolos e exemplos morais da literatura medieval portuguesa* (2ª ed.), Lisboa: Edições Brotéria, 1980, que inclui uma breve análise da «viagem» alegórica no *Bosco Deleitoso* (pp. 271-283).

até ao seu arrependimento pleno sem o qual não poderia entrar no paraíso celeste. É, assim, todo um percurso anímico que vai do apelo ao «desprezo do mundo» e à penitência até à progressiva ascensão ao «monte alto da contemplação» e, finalmente, à união mística da alma com Deus.

É hoje bem conhecida – sobretudo depois do estudo pioneiro de Mário Martins<sup>8</sup> e de outros estudos posteriores<sup>9</sup> – a dependência direta e indireta de uma centena de capítulos deste texto (os centrais, do XVI ao CXVI<sup>10</sup>) em relação à obra *De Vita Solitaria* de Petrarca. E se essa dependência mostra a ampla influência das obras morais deste humanista, com ecos inequívocos em Portugal já entre finais do século XIV e inícios do XV, essa dependência tem sido também, em parte, a causa de uma certa desvalorização da especificidade deste texto (em que se vislumbra a presença de outras influências diretas e indiretas), no quadro da criação literária de âmbito espiritualizante de finais da Idade Média em Portugal. Os recentes estudos de José Adriano de Carvalho<sup>11</sup> e de José Meirinhos<sup>12</sup> vieram já apontar vias de leitura e análise textual que realçam pontos importantes dessa especificidade e da riqueza literária e filosófica do texto.

Ainda que grandemente devedora daquele influente texto de Petrarca, é nos capítulos iniciais e finais, não direta ou textualmente dependentes deste humanista – ou seja, aqueles em que o anónimo autor português<sup>13</sup> deixa de

- 8 M. Martins, «Petrarca no *Boosco Deleytoso*», *Brotéria*, 38 (1944) 361-373, reeditado nos *Estudos de Literatura medieval*, Braga: Livraria Cruz, 1956, pp. 131-143.
- 9 Merecem especial destaque Z. Santos, «A presença de Petrarca na literatura de espiritualidade do século XV: o Bosco Deleitoso», in *Actas do Congresso Internacional sobre Bartolomeu Dias e a sua época*, Porto: Universidade do Porto, 1988, pp. 375-393; A.F. Dias, «Autor anónimo – *Boosco Deleitoso*», in *Antologia de Espirituais Portugueses*, org. de M<sup>a</sup> de L. Belchior, J.A. de Carvalho e F. Cristóvão, Lisboa: INCM, 1994, pp. 25-36 e J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», cit., p. XXIX. Veja-se também P. Calafate, «O Bosco Deleitoso», in *Filosofia Portuguesa – Época Medieval*, Centro Virtual Camões, s.d.: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/m13.html>.
- 10 J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», cit., p. XXIX, nota 16, fez notar que o cap. CXVII já não é tradução/adaptação do *De vita solitária* de Petrarca.
- 11 J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», cit.
- 12 J.F. Meirinhos, «Significados da natureza em *O Bosco Deleitoso* na tradição monástica contemplativa», in *Natureza e meio natural na vida, linguagens e imaginário da vida monástica. Atas “Ora et labora – Refojos de Basto”*, Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2020, pp. 191-207; também J.F. Meirinhos, «Prefácio», cit.
- 13 Esse autor anónimo que se «apaga a si mesmo» porque é «parte da própria obra e da sua mensagem espiritual» e por isso «não pode ser alguém que tenha nome», na opinião de J.F. Meirinhos, «Significados da natureza em *O Bosco Deleitoso* na tradição monástica contemplativa», in

reproduzir as palavras ou as ideias de «Dom Francisco solitário»<sup>14</sup> –, que encontramos as passagens mais significativas da visão espiritual que o conduz, no final, à contemplação e à união mística, a que o narrador acede depois dos avisos e da consciência que lhe despertaram os «olhos do entendimento» (que antes estavam «turvos»<sup>15</sup>) e os «olhos do coração» (dado que «o coração é o principal e maior espelho para ver o Senhor Deus em contemplação, porque o coração é a alma do homem...»<sup>16</sup>).

É fundamentalmente sobre esses capítulos, em especial os que dizem respeito à passagem do «mesquinho pecador» pelo «bosco nevoso» – que significa expressamente o tempo da sua penitência e do percurso ascético – e a subsequente sua subida ao «alto monte da contemplação» e união mística que incidirá este estudo.

## 2. Dos «olhos corporais» aos «olhos do entendimento»

Como dito atrás e já notado em todos os estudos anteriores, o autodesignado «mesquinho pecador», recorrendo ao relato autobiográfico que lhe permite percorrer, em diálogo, os tempos da sua vida humana e social e do seu itinerário espiritual, beneficia da companhia constante do seu anjo da guarda<sup>17</sup>, autodesignado anjo «guardador»<sup>18</sup>. Com ele vai encontrando (ou seja, vai vendo e falando) em sucessivos momentos e espaços, do «deleitoso»<sup>19</sup> e «nevoso»<sup>20</sup> ao

*Natureza e meio natural na vida, linguagens e imaginário da vida monástica. Atas “Ora et labora – Refojos de Basto”, Cabeceiras de Basto: Município de Cabeceiras de Basto, 2020, pp. 191-207.*

14 *Bosco deleitoso*, cit., p. 32: «um velho muito honrado, e havia em sua cabeça ùa grilanda de folhas de louro mui verde e mui fremosa».

15 Por isso, depois de ouvir o «nobre solitário» (Petrarca) discorrer sobre as tentações de um amigo juvenil, implorou: «Senhor, amerceia-te de mi, ca o olho do meu intindimento é turvado e envelheci antre os meus imigos, e os meus ossos e as forças da minha alma envelhecerom e os meus dias falecerom assi como fumo, e eu som seco, assi como o feno». *Bosco deleitoso*, cit., cap. XXXV, p. 59.

16 *Bosco deleitoso*, cit., nota 37, pp. XL-XLI.

17 Sobre os possíveis significados da relação entre esta presença na obra e a sua publicação, veja-se J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», cit.

18 *Bosco deleitoso*, cit. cap. III, p. 6.

19 O qualificativo tanto se aplica aos deleites mundanais como aos espirituais. É, aliás, significativo que o termo «deleitoso» ocorra perto de três centenas de vezes no texto.

20 Que corresponde, como explica a «fermosa dona», ao «estado da pendenza» quando «apartado da conversação mundanal». *Bosco deleitoso*, cit. cap. XXIV, p. 206. Só começa a ser usado

«glorioso reino»<sup>21</sup> ou «celestial glória»<sup>22</sup>, diversas figuras alegóricas e históricas que o vão advertindo, o vão ensinando e guiando pelos estreitos caminhos das virtudes, começando com a condenação dos vícios mundanos e consequentes pecados do corpo e do espírito, passando pela aspereza da penitência até ao sincero arrependimento e à ascese que o levarão no final ao «alto monte da contemplação» e, finalmente, à união mística. Neste seu longo itinerário ou viagem – que é o tempo da vida adulta –, a visão, no seu sentido sensorial, metafórico e espiritual ou intelectual, ocupa um lugar constante ou recorrente, por propiciar ao «mesquinho pecador» a observação e os sucessivos encontros curiosos com esses espaços simbólicos (desde logo, os bosques e prados verdejantes, floridos e luminosos<sup>23</sup> do «paraíso espiritual, que ham as almas santas em esta vida, do qual trespassam ao paraíso celestial»<sup>24</sup>); encontros com as figuras alegóricas de donas e donzelas: em especial, depois das virtudes teológicas e cardeais, a Justiça Divina representada por uma «dona espantosa», a Lembrança da Morte na figura de uma «dona amargosa»<sup>25</sup>, a Misericórdia simbolizada por uma «donzela graciosa» ou «piedosa», a «Ciência da Sagrada Escritura» representada por uma «formosa dona», a «Sabedoria» na figura de uma «donzela formosa»; encontros também com santos e homens virtuosos ou sábios: dos Apóstolos, dos Padres e Doutores da Igreja até Francesco Petrarca,

(pouco mais de uma dezena de vezes) a partir do cap. CXXI, ou seja, no texto (pelo menos maioritariamente) do autor anónimo e não nas passagens que seguem o *De vita solitaria*.

21 *Bosco deleitoso*, cit. cap. VII, p. 18.

22 *Bosco deleitoso*, cit. cap. XXV, p. 44.

23 São os «campos» do «paraíso espiritual, que ham as almas santas em esta vida, do qual trespassam ao paraíso celestial» (*Bosco deleitoso*, cit., cap. I, p. 3), com «muitas ervas e froles de bô odor» e «árvores mui fremosas, em que se criavam aves que cantavam mui docemente» (*Bosco deleitoso*, cit., cap. II, p. 4). Sobre a natureza «sobretudo vegetal e mineral» nesta obra, enfileirada na «tradição medieval de valorização moral e simbólica da natureza», veja-se J.F. Meirinhos, «Significados da natureza em *Bosco Deleitoso*, cit. pp. 191-207 e, especialmente sobre a sua «glorificação» espiritual, J.A. Carvalho, «*Bosco Deleitoso*. Notícia de apresentação», cit., p. XXXV-XXXVII.

24 *Bosco deleitoso*, cit., cap. I, p. 3.

25 Desta diz ser «ũa dona mui desassemelhada das outras mulheres», que «em sua mão trazia ãa vara de ouro com um aguilhom de ferro, mui longo e mui agudo», que lhe pareceu «tam fremosa e tam espantosa mais que outra cousa que eu haja visto», apresentada pela «fremosa dona» (a Ciência da Sagrada Escritura) como «a mais alta sabedoria e a mais alta filosofia e mais proveitosa que tódalas outras sabedorias [...], esta é aquela em que se revolve toda a vida dos sabedores [...]. E esta faz o homem despreçar o mundo e faz reger dereitamente a vida presente, e esta leva a deanteira antre tódalas obras de Deus; esta é a que remata tódolos pecados». *Bosco deleitoso*, cit., cap. CX, p. 184.

passando, pela mão deste, também pelo «mui antigo e alto filósofo Dom Plato»<sup>26</sup>, «por Marco Túlio e Virgílio Maro»<sup>27</sup>, por «Horácio Franco», pelo «grande filósofo Aristóteles e Sócrates e outros filósofos»<sup>28</sup>. Todos, de acordo com a sua simbologia que radica e se alimenta dos textos da tradição clássica, filosófica e cristã, lhe vão revelando, por um lado, as «misérias da vida humana», os perigos da «vida no segre», os pecados da «carne» e do espírito, e, por outro, na perspetiva cristã, os caminhos estreitos das virtudes através dos meios e modos do percurso interior e da penitência (esta já no «bosco nevoso») que podem conduzi-lo progressiva e demoradamente – e o conduzem no final – ao «bosco deleitoso» da contemplação e da união mística.

Apesar da presença constante, ainda que nem sempre explícita, da visão – o que o «mesquinho pecador» vê nesta sua viagem com os olhos do corpo ou, sobretudo, com os da alma ou do coração –, a visão espiritual impõe-se claramente à visão sensorial, embora os vocábulos sejam essencialmente os mesmos<sup>29</sup>: olhos, olhar, ver, etc. (estes com mais de 100 ocorrências no *Bosco*). Do mesmo modo, a audição, também no seu sentido metafórico, tem uma forte presença no texto (ouve, ouvi, ouvido/a, etc. – usada c. de 145 vezes)<sup>30</sup>, porque o «mesquinho pecador» vai ouvindo, em discurso direto, as repreensões, os conselhos e as lições que as referidas figuras alegóricas lhe vão dando para que ele, compreendendo e arrependendo-se, abandone o «segre» e todas as tentações mundanas e escolha a vida solitária acompanhada da prática das virtudes, sobretudo as teologais, mas também as morais ou cardeais. Claramente minoritários são, com ocorrências em número descendente, os sentidos do olfato (c. 30 referências ao «odor» e derivados), do paladar (18 ocorrências relacionadas com «sabor» ou «saborear») e o tacto (o termo «tanger» e derivados [ex. tangimento], no sentido de tocar – físico ou mental –, ocorre apenas 16 vezes).

26 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CX, p. 184.

27 *Bosco deleitoso*, cit., cap. XCIX, p. 159.

28 *Bosco deleitoso*, cit., cap. XCIX, p. 159.

29 Como sucede, aliás, em diversas passagens do também anónimo *Horto do Esposo*, em que as «expressões sensoriais», as «realidades e experiências invisíveis» são «expressas em terminologia visual», como bem mostrou M. Martins, «Experiência religiosa e analogia sensorial» in Id., *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa: Editorial Verbo, 1969, vol. I, cap. V, pp. 65-77, cf. 70-74. Para uma perspetiva global desta obra medieval, vd. C. Sobral, «O *Orto do Esposo*», in *História da Literatura Portuguesa. Das origens ao Cancioneiro Geral*, Lisboa: Publicações Alfa, 2001, pp. 411-420.

30 Uma presença muito significativa, porque representa todos os conselhos – e repreensões – das figuras alegóricas que lhe são apresentadas pelo «anjo guiador».

Deste modo, ainda que eu aqui recorra a alguns trechos dos capítulos devedores diretamente do *De Vita Solitaria*, focar-me-ei sobretudo em algumas passagens relevantes dos capítulos iniciais (I-XVI) e finais da obra (CXVII a CLIII), ou seja, os da autoria do autor anónimo (não ignorando a evidente dependência de autores e textos desde a Antiguidade até ao seu tempo). Em todas elas, é fácil verificar que os qualificativos do olhar são, na sua quase totalidade, usados metaforicamente, com os consequentes significados que resultam da sua função alegórica. De facto, é nos seus sentidos simbólicos que encontramos chaves importantes para a compreensão do modo como é construída e trabalhada a viagem «autobiográfica» do «mesquinho pecador» desde os tempos em que este andava «desterrado e lançado em na profundidade do lixo dos pecados»<sup>31</sup>, sem «paz nem asseseço», «movediço a todo odor luxurioso»<sup>32</sup>, com «esprito derribado e abaixado sô a carne, sem orvalho de limpeza», passando depois pelos caminhos da mortificação ascética resultantes do arrependimento, da penitência e da entrega à Ciência da Sagrada Escritura que lhe abre as portas da verdadeira Sabedoria, até à união mística apresentada no final da obra.

E mesmo não me detendo demoradamente nos qualificativos da visão incluídos nos conselhos de «Dom Francisco solitário» e de diversas autoridades eclesiásticas (como S. Agostinho, S. Jerónimo, ou S. Bernardo e muitos outros teólogos e filósofos antigos e medievais), o seu uso merece algumas notas. É relativamente reduzida (mas mais presente aqui do que na parte final da obra) a referência explícita aos olhos corporais, em sentido literal. Um exemplo é a passagem que nos remete para o contexto penitencial/confessional da teologia moral e do número crescente de penitenciais e confessionais, nomeadamente em vernáculo, nos finais da Idade Média<sup>33</sup>, que incluem a condenação dos excessos cometidos com os sentidos corporais. Exemplifica-o a passagem em que Dom Francisco [Petrarca] critica os lautos manjares dos «moradores entre as gentes» e lembra a vigia da morte e a sua visão:

o mal-aventurado seê com a fronte abaixada e com os olhos agravados com as sobranceiras sobre eles e o nariz enverrugado e as queixadas amarelas, alimpando

31 *Bosco deleitoso*, cit., cap. I, p. 3

32 *Bosco deleitoso*, cit., cap. I, pp. 3-4.

33 De que é exemplo o célebre *confessional* de Martim Pérez, traduzido para português por um monge de Alcobaça. Sobre a importância deste texto, veja-se M. Martins, *Estudos de Literatura Medieval*, cit., cap. VI – «O 'Livro das Confissões' de Martim Pérez (séc. XIV)», pp. 81-92.

os beijos que tem apegados e viscosos com a grossura das viandas que comeu. E adur alevanta a cabeça, assi está espantado e atroado com os odores e com as cores dos manjares, em guisa que nom sabe u está, ca ele está cheio e inchado com o muito comer e beber sobejo, e está confundido e envergonçado com os negócios que trautou pola manhã, que nom pôde acabar à sua vontade...<sup>34</sup>

Exemplificam-no também outras passagens sobre deveres morais dos cristãos, como a de uma exortação da Misericórdia ao «mesquinho pecador: «Trabalha de dar a esmola e nom retornes os teus olhos, quando vires o pobre»<sup>35</sup>; ou a espécie de oração/súplica do pecador: «A morte da minha alma entra pelas frestas dos sentidos do meu corpo, e os meus olhos roubam a minha alma»<sup>36</sup>. Ainda nesta dimensão se pode considerar outro conselho: «E depois que o solitário canta ao Senhor os louvores das matinas, de noite levanta os olhos ao céu e às estrelas e suspira com toda sua mente e com todo seu coração, desejando o seu Senhor Deus, que mora em os altos céus»<sup>37</sup>: passagem que sugere já uma clara simbiose dos olhos corporais com os espirituais.

Aliás, não por acaso Dom Raimundo<sup>38</sup> aconselha o monge a levantar-se

sobre a natureza das cousas sensíveis, convém a saber, sobre as cousas que se podem compreender pelos cinco sentidos do corpo, que se som: vista e ouvir e cheirar e gostar e palpar. E outrossi cumpre que levantes o teu entendimento sobre a natureza das cousas que se podem imaginar, ca enquanto o teu intendimento quizer razoar segundo a natureza das cousas que se podem sentir ou imaginar, nunca será alto pera olhar e entender as cousas espirituais<sup>39</sup>.

34 *Bosco deleitoso*, cit. cap. XX, p. 38. Como recomendará mais tarde Fr. António de Beja no seu *Memorial de pecados*, Lisboa: Germão Galharde, 1529, fl. 7v: «Sendo recebido ho pecador desta feyçam poosto em gíolhos deve ser per ho sacerdote insinado em ha honesta maneyra de seu star e outras cousas exteriores ao tal auto necessarias e logo deve ser amoestado com doçura que nom faz ha tal confisam ha homem mas a deos: e por tanto deve estar com muyta reverencia e vergonhosa humildade: nom tendo seu rosto e façe em direito do confessor: mas em tal modo que posto de gíolhos fique sempre sua façe bayxa e humilde a hũa jlharga do confessor: e mayormente se deve guardar esta cautela acerca das molheres».

35 *Bosco deleitoso*, cit. cap. VI, p. 15.

36 *Bosco deleitoso*, cit. cap. X, p. 24.

37 *Bosco deleitoso*, cit. cap. XVIII, p. 35.

38 Identificado por José Meirinhos como sendo Raimundo Lúlio: J.F. Meirinhos, «Prefácio», cit. p. XVIII, nota 29.

39 *Bosco deleitoso*, cit. cap. LVI, p. 106.



Significativamente, em diversas outras passagens a conjugação do verbo ver e, em geral, os vocábulos do olhar aparecem, com frequência, associados a entender, como o exemplifica o conselho do «ermitam»:

Pero depois que começares a abrir os olhos do intindimento e entenderes quanto é duvidoso o caminho da vida em que vives, trabalha-te quanto puderes com todo cuidado que, a menos em a velhice, correjas os errores e o caminho desviado da mancebia<sup>40</sup>.

Apesar destas e de outras referências aos «olhos corporais» (também eles tomados frequentemente em sentido figurado), são essencialmente os «olhos da alma», ou os «olhos do entendimento» (por vezes também da «memória»<sup>41</sup> e do «coração»<sup>42</sup>) que, recorrentemente, são convocados para que o «mesquinho pecador» veja com estes olhos espirituais o que os do corpo não conseguem visualizar. Como diz o «gracioso ermitam»:

esforça-te bem com grandes forças, que amanes todos os teus sentidos corporais e venças o teu costume, por tal que vejas algũa cousa com o coração. Abre bem e alimpa bem os olhos de dentro da alma com que vêem as cousas que nom podem ser vistas com os olhos corporais<sup>43</sup>.

E muito antes de poder ver «as cousas que nom podem ser vistas com os olhos corporais» terá de trabalhar a consciência do pecado, porque este é causa da dificuldade da sua salvação. Não por acaso os termos «pecador» e «pecado»

40 *Bosco deleitoso*, cit., cap. XXXVI, p. 61.

41 *Bosco deleitoso*, cit. cap. XI, p. 25. Recomenda a «graciosa donzela»: «põe ante teus olhos os tempos trespassados da tua vida e os dias breves dela. E consira com diligência quantos trabalhos passaste em vão e quantas vezes amaste em vão os amores deste mundo, e assi saberás por certo em quantos males e em quantos perigos se revolveu a tua vida misquinha».

42 *Bosco deleitoso*, cit. cap. XLIV, p. 77: «Porém, esforça-te bem com grandes forças, que amanes todos os teus sentidos corporais e venças o teu costume, por tal que vejas algũa cousa com o coração».

43 *Bosco deleitoso*, cit., cap. XLIV, p. 77. Significativamente, já no final da obra o narrador veio a afirmar que «a minha alma subitamente lançava de mi tôdolos sentidos corporais e era tirada de tôdaldas cousas materiais, em tal guisa que os meus olhos, nem as minhas orelhas, nom usavam do seu próprio ofício» e que «posto que tivera os pés e as mãos talhados e o nariz e as orelhas e a língua e tirado os olhos, nom curara delo, nem desejava senom aquilo que havia e sentia em minha contempraçom, em que era partido dos homens e conjunto a só Deus». *Bosco deleitoso*, cit., cap. CL, p. 238.

e várias formas do verbo pecar são usadas quase 500 vezes no texto e o termo «pendença» – a penitência – aparece perto de seis dezenas de vezes. É pela consciência do pecado e das «misérias da vida humana» que o «mesquinho pecador» pode compreender a diferença entre o alcance da visão corporal e da visão espiritual que só os «olhos da alma» – ou seja, os do «entendimento» – lhe podem facultar.

São esses «olhos bem limpos» da alma que são convocados para que o «mesquinho pecador» se conheça melhor – como o havia aconselhado largamente Dom Ricardo [de S. Vitor] pela mão de Petrarca<sup>44</sup> –, exortando-o a arrepender-se verdadeiramente dos seus pecados e vícios e escolher os caminhos estreitos da virtude, os únicos que poderão conduzi-lo até à Jerusalém Celeste.

É, aliás, esse conhecimento próprio – como afirmado pelo socratismo cristão<sup>45</sup> – que, já na última parte da obra, o narrador crê ter conseguido quando começou a subida para o «alto monte da contemplação», como, aliás, reconheceu a «groriosa ifante» da «morada deleitosa, que estava em no começo da alteza do monte»<sup>46</sup>:

Todo coração que se esforça subir à alteza da sabedoria, cumpre-lhe que o primeiro e principal estudo que haja seja em conhecer si mesmo, porque grande alteza de sabedoria é conhecer homem perfeitamente si mesmo. Este monte é grande e alto conhecimento comprido do esprito razoável; este monte traspassa e transcende a alteza de tódalas ciências mundanais. E porém, tu, filho, quanto cada dia [fazes] proezas e cresces em conhecimento de ti mesmo, tanto vás sempre pera cousas mais altas. E pois que tu chegas já a perfeito conhecimento de ti mesmo, segundo a mi parece, daqui em diante chegarás à alteza do monte<sup>47</sup>.

44 *Bosco deleitoso*, cit., cap. LVII, p. 107: «... primeiramente e principalmente te convém trabalhar pera saberes e conheceres ti mesmo. Ca grande alteza de ciência é conhecer homem perfeitamente si mesmo, e o conhecimento comprido do esprito razoável é monte mui alto que trespasa todas as altezas de todas as ciências mundanais e toda a filosofia do mundo. Ca, certamente, se os filósofos conheceram si mesmos perfeitamente, nunca adoraram os ídolos e nunca enclinaram a sua cabeça à criatura, e nunca alevantaram o seu colo contra o Criador. E porém, amigo, sabe por certo que quanto tu cada dia aproveitares e acrescentares em conhecimento de ti mesmo, tanto levarás caminho pera cousas mais altas, e quando houveres conhecimento perfeito de ti mesmo, entom estarás em cima do mui alto monte».

45 E. Gilson, *El espíritu de la filosofía medieval*, Madrid: Eds. Rialp, 1981, esp. cap. XI, pp. 213-231.

46 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXIV, p. 216.

47 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXVII, p. 220.

É também na última parte do texto que são muito claramente explicadas pelo «guiador» e pela «fermosa dama» (a Misericórdia, que dele se compadece e o aconselha) os significados das várias etapas por que passou a alma do «mesquinho pecador», numa passagem bem elucidativa dessa dupla face do ver e entender:

Amigo, obra fortemente e sofre com paciência, e entende que este lugar em que ora estás é lugar daqueles que começam a fazer pendença e, porém, é assi nevooso; mas o primeiro lugar per que passaste é o lugar daqueles que estam em pecado e nom fazem pendença. E eneste lugar moraste tu até ora, e nom vias nem entendias as trevas da tua morada, senom ora, quando te trespassavas pera pendença. Ora, amigo, estás em pendença em este bosco nevooso, porque algũas cousas padeces de afriçom. Mas bem vês quanto bem há enele e já fazes vida apartada e solitária das gentes e dos arruídos do segre e sentes os bens desta vida: mas depois que fores aproveitando em tua vida, entom irás algũas vezes folgar a este campo tam deleitoso que está além deste bosco, segundo te mostrarei...<sup>48</sup>

E mais adiante explica que o «alto monte é o estado da alta contempraçom, que tu ainda nom viste nem podes ver nem saber per nenhũa maneira, senom gostando-o e provando-o per obra»<sup>49</sup>.

### 3. Do «bosco nevooso» ao «paraíso celestial»

É também nesta última parte, quando o narrador atravessa o «bosco nevooso da pendença», que a «mui fremosa dona», seguindo certamente a S. Agostinho no livro XII do seu *De Genesi ad litteram*<sup>50</sup>, remete para a «visão de S. Paulo»<sup>51</sup>

48 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXIII, p. 205.

49 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXIII, p. 206.

50 Sobre a relevância deste texto agostiniano sobre a visão de Deus, veja-se o importante e bem fundamentado estudo de P.O. Silva, «L'âme à l'état de béatitude connaît-elle Dieu dans le corps ou hors du corps ? La réponse d'Augustin dans le livre XII du *De Genesi ad litteram*», *Mediaevalia. Textos e estudos*, 38 (2019) 49-71 (DOI: <http://doi.org/10.21747/21836884/med38a3>). Veja-se igualmente a tradução portuguesa deste texto agostiniano por M. Correia e P.O. Silva, «Agostinho de Hipona, *Comentário literal ao livro do Génesis (em doze livros) – Livro XII*», *Civitas Augvstiniana*, 3 (2013) 121-164.

51 S. Paulo, 2ª Carta aos Coríntios, 12:1-13.

– a visão do 3º céu –, depois de lhe lembrar os vários «graus» ou estádios que a alma tem ainda de subir antes de chegar «ao alto monte da contemplação divinal», distinguindo então os diferentes tipos de visões espirituais – com ligeiras, mas significativas, diferenças em relação ao texto agostiniano<sup>52</sup> –, visões essas só possíveis quando se chegou já a esse monte:

E debes saber que as visões som em três guisas: ãa é corporal e outra imaginária e a terceira é inteitual. A corporal visom é quando per dom de Deus vê alguém algũa cousa que os outros nom podem ver, assi como viu Baltasar ãa mão de homem com certas demostrações, que sinificavom que havia de perder o reino; e esto via ele com os olhos corporais, estando esperto e em todo seu acordo. A visom imaginária é quando alguém, per sonho ou estando fora de si, vê, nom corpos, mas imagens de corpos, per revelação de Deus, assi como viu Sam Pedro ãa escudela cheia de viandas de animálias desvairadas pera comer, em demonstração que gentes de muitas nações haviam ser trazidas à fé de Jesu Cristo. A terceira visom, inteitual, é quando nom som vistas imagens nem corpos, mas o esguardamento da mente e a vista da alma é aficada em nas sustâncias que nom ham corpo dentro em nos pomares do Senhor Deus, assi como ver Deus, que nom há corpo quanto à natura devinal, e os anjos e as outras cousas que se vêem pelo entendimento tam solamente; e tal foi a visom de Sam Paulo, ca o Senhor Deus lhe quis amostrar a vida perdurável em que havia de viver depois desta presente vida pera sempre<sup>53</sup>.

É para atingir esta «visão intelectual» – muito diferente da sensorial, sobretudo quando dada «per dom de Deus» – que a alma será levada pelo anjo da guarda a um «gracioso campo» para se encontrar com

ũa donzela, a mais fremosa e melhor guarnida que nunca eu vira, ca fremosura e craridade da sua face nom havia[m] comparaçom; o seu talho e os seus nembros e as feituradas do seu rosto e do seu corpo eram tam apostas, que língua de homem nom o poderia recontar<sup>54</sup>. As suas vistiduras esprandeciam com pedras priciosas e com ouro tam sutilmente lavrados, que nom poderiom ser feitos per mão de

52 Agostinho de Hipona, *Comentário literal ao livro do Génesis*, cit., pp. 125-126.

53 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXVIII, p. 210.

54 Tal como S. Paulo que na sua visão do Paraíso «ouviu palavras inefáveis, que não é permitido a um homem repetir» – 2ª Carta aos Coríntios 12:4.

homem, em guisa que toda sua vistidura era de ouro com mui resprandecentes pedras preciosas<sup>55</sup>, ou seja, a Sabedoria, saída «da boca do mui alto Senhor» que «ordena e dispõe» todas as coisas «fortemente e brandamente», que se define como sendo «madre de fremoso amor e de conhocimento e de santa esperança», em quem reside «graça de toda verdade»<sup>56</sup> e a quem o autor suplica que ensine e alumie «aquele que está eneste cárcer corporal e em trevas, ca eu te desejei muito dês a minha mancebia, como quer que mui tarde trabalhei pera te haver»<sup>57</sup>.

É ela distinta da Ciência da Sagrada Escritura, porque só ela «faz ver e entender e gostar o miolo da Santa Escritura e as cousas que se enele contêm»<sup>58</sup>.

Nesta perspetiva, só através desta Ciência e da Sabedoria que ela faculta, cuja luminosa morada está «no começo da alteza do monte», se abrem as portas que permitem conhecer «o sabor das cousas, ca entom as cousas das culpas e dos pecados me sabiom mui amargosamente, e as cousas temporais me eram vis e os bens espirituais me eram mui doces e de grande preço. Ali havia eu muitas consolações de muitas guisas, que me fazia haver aquela groriosa ifante»<sup>59</sup>. Ali pôde sentir as verdadeiras «consolações espirituais e de grande dolçura»<sup>60</sup>, apesar da dificuldade que teve em abandonar definitivamente as memórias dos prazeres mundanos.

Só depois de muita mortificação, depois de «relegar os sentidos corporais, em tal guisa que nom usava deles»<sup>61</sup> e que nem os seus olhos, nem as suas orelhas «usavom do seu próprio ofício»<sup>62</sup>, depois da meditação constante «nos beneficios de Deus»<sup>63</sup>, só então pôde ir subindo as várias etapas gradativas da vida contemplativa até estar a sua alma, já liberta do seu corpo, finalmente preparada para a entrada no paraíso celeste e então, verdadeiramente, conhecer o que apenas via sem entender. Aqui, a sua visão corporal transforma-se num

55 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXVIII, pp. 211-212.

56 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXX, p. 212.

57 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXX, p. 212.

58 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXX, p. 212.

59 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXI, p. 213.

60 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXIV, p. 216.

61 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXV, p. 217.

62 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CL, p. 238.

63 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXV, p. 218.

outro olhar que, por via da contemplação, acede à verdadeira compreensão de realidades que os olhos corporais lhe não facultavam:

E contemplava a matéria e a sustância e a forma e os costumes e condições de tôdalas cousas e a natura e maneira delas, quais e quejendas de dentro e de fora, contemplando as figuras e os talhos das cousas e os sabores e odores delas, segundo conhecia polos sentidos corporais. E contemplava nas obras da natureza, em nas árvores e em nas ervas, como nacen e crecem e fazem folhas e froles e frutos e sementes, e como prestam pera muitas cousas, e em na obra da natureza, em nas alimárias, como se gerom e nacen e crecem e vivem. E contemplava as obras da indústria e da arte dos homens, em que há muitas maneiras de labores e de obras que os homens fazem per seus saberes e per suas artes; e contemplava a deciprina e a ensinança dos costumes, que em parte som per estabelecimento divinal, assi como som os serviços que se fazem a Deus e os sacramentos da Igreja, e parte som per ordenança e estabelecimento humanal, assi como som as leis que estabelecerom os homens pera esta vida baixa, mas os estabelecimentos divinais som pera a vida alta. E contemplando eu estas cousas suso ditas e pensando tôdalas obras do Senhor Deus, havia grande deleitação<sup>64</sup>.

É esta contemplação ou visão espiritual que lhe permite um conhecimento diferente das realidades terrenas. O regresso aos vocábulos da visão ocorre quando pretende e decide conhecer-se melhor, para «ver» e «entender» o mundo terreno que deixou para trás, cujos sentidos ou significados ocultos só agora pode ver, entender ou compreender em profundidade:

...quando via alguns postos em prelazia ou em outra dinidade, entom cuidava e pensava que esto se fazia pera ser louvada a manificência e a grandeza dos feitos de Deus e o seu poderio e, porém, louvava em a sua manificência e o seu poderio; e quando via alguns que trabalhavom em ciência, enquerindo pera saber as cousas escondidas do Criador e das criaturas e ordenando qualquer palavra curiosamente com grande sutileza, entom tinha eu que esto se fazia por ser demostrada a sabedoria de Deus e, porém, louvava eu a sabedoria de Deus enestes que esto faziom; e quando via alguns aficados em nos negócios temporais, louvava eu eneles a prudência de Deus, que é a ciência das cousas temporais, entendendo que o Senhor Deus per tais como estes provê àqueles que vivem em assessego e em folgança em seu serviço; e quando via alguns usar das obras de piedade, louvava eu em eles

64 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXXXIX, pp. 222-223.

a bondade de Deus que se estende a tôdalas cousas; e quando eu via alguns que julgavam os outros, havia eu temor do juízo de Deus; e se via a alguns dar pena aos outros, entom cuidava em na justiça de Deus; e se via alguns rigorosos, havia grande pavor da justiça de Deus; e se via que alguns erom repreensores dos outros, nembrava-me o grande rigor da examinação e das repreensões que ham de ser feitas em no dia da morte e em no dia do juízo; e quando via os prelados remissos e deleixados, nom dando pena aos culpados, louvava eneles a misericórdia do Senhor Deus. E per esta maneira reduzia eu em louvor de Deus tôdalas cousas que via ou entendia...<sup>65</sup>.

E assim, procurando conhecer-se «perfeitamente», «acrecentava-se em mi a ciência e a sabedoria, e alimpava-se o olho do meu coração e aguçava-se o meu engenho, e a força e virtude do meu entendimento estendia-se e crecia, ca, por certo, aquele que nom sabe nem conhece si mesmo nom pode estimar nenhũa cousa dereitamente»<sup>66</sup>.

Ou seja, ver é não só conhecer, mas também estimar ou sentir e gostar.

A forte presença do «coração» nesta obra – mais de 400 referências – testemunha a valorização de uma espiritualidade afetiva que, desde o Cântico dos Cânticos, caracteriza a união mística, até porque, afirma o autor, «o coração é o princepal e maior espelho pera ver o Senhor Deus em contempração, porque o coração é a alma do homem – ca todo entendo por ũa cousa – e feito à imagem do Senhor Deus»<sup>67</sup>.

Por isso,

com a visom deste lume, que assi via, maravilhando-me em mi, entom meu coração se acendia per maravilhosa maneira e esforçava-se pera ver o lume que é sobre ele e tomava mui aceso desejo de ver o Senhor em contempração, que havia fiúza de o ver [...]. E aficava a vista em no lume eternal e perdurável, que raiava de cima, e a vista da minha alma trespassava tôdalas nuvens e escuridades do revolvimento mundanal, e suspendia e pendurava a minha alma a esto, que assi podia ver enesta vida presente, e de mais a esguardar e contemprar aquilo que esperava haver em na vida do paraíso, em que ora som<sup>68</sup>.

65 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXLI, pp. 225-226.

66 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXLIII, p. 227.

67 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXLIII, p. 228.

68 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CXLIII, p. 228.

Uma visão que, obviamente, só a alma purificada pôde ter, já não para conhecer ou entender – porque destas capacidades já tinha pleno poder –, mas para sentir e viver para sempre, porque só então a sua visão – a «visão intelectual» como a definiu a Sabedoria seguindo S. Agostinho – é plena:

Entom a minha alma via o Senhor Deus, ca, como quer que em cada um dos outros pontos, convém a saber, em no excesso e em no grande sobrepujamento da mente, fosse visom, e em na entrada e em no desfalecimento e em no trespassamento e em na apreensom e em no trasformamento e em na entrada de mui dentro fosse outrossi visom, pero em no movimento do amor, que é cousa e razom de todas estas cousas, depós estas cousas havia a minha alma visom de Deus manifesta, quanto ser pode em esta vida presente, mas nom via eu o Senhor tam craramente como o eu vi depois que foi em na grória celistrial, em na qual o vejo continuamente, face por face craramente, assi como ele é e a sua visom me abasta<sup>69</sup>.

#### 4. Conclusão

Esta breve «leitura» da presença dos vocábulos da «visão» no *Bosco Deleitoso* não esgota, nem pretendia esgotar, a riqueza e complexidade do seu uso neste texto e no universo espiritual que o motivou. Procurou, sobretudo, mostrar a importância dessa presença e da sua utilização – em múltiplos sentidos, especialmente metafóricos – para a formulação e expressão de uma espiritualidade que, convocando direta e indiretamente múltiplos textos bíblicos, clássicos, patrísticos e, em geral, medievais, remete para horizontes espirituais de âmbito monástico que outros textos da época – como o *Orto do Esposo* e o *Vergeu da Consolação* – confirmam. Não entrei, propositadamente, na comparação com estes textos, em busca dos mesmos e de outros usos da «visão» humana e espiritual, que se revelariam – como poderão revelar-se em estudos futuros – certamente desafiantes. Tão-só procurei realçar a riqueza e a complexidade dos usos e, sobretudo, dos sentidos que os vocábulos da visão adquirem no *Bosco Deleitoso*.

É certo que muitas das passagens da obra não são ‘originais’. Nem pretendiam sê-lo, tanto mais que o autor refere, com frequência, se não as fontes, pelo menos, as «auctoritates». Muito do que «diz» o autor não é ele quem, na

69 *Bosco deleitoso*, cit., cap. CL, p. 239.



realidade, o diz. Mas também esse facto merece valorização. O uso das fontes ou dos textos a que recorre o narrador (além do *De vita solitaria* de Petrarca) bem merece um estudo cuidado, que exige colaboração multidisciplinar, que lance novas luzes sobre a importância da circulação dos textos, das ideias, das leituras e das influências que eles foram alimentando. E que permita também perceber os motivos do empenho de uma rainha portuguesa, D. Leonor, na sua publicação em 1515, mais de um século depois da sua escrita e num contexto em que o «desprezo do mundo» ia dando cada vez mais lugar, também em Portugal, não só à valorização da designada «Dignidade do Homem», mas também a muitas facetas da vida «mundana». Nomeadamente na corte.